

ARTIGO

**“FATAL FOI PENSARES QUE OFERECIAM VIDA NOVA”: UMA
ANÁLISE DA AVALIAÇÃO EM VELAS. POR QUEM?**

(“Fatal was you think that they offered new life”: an analysis of evaluation in Velas. Por quem?)

*(“Fue fatal que pensaras que te ofrecían una nueva vida”: un análisis de la valoración en Velas.
Por quem?)*

Raylton Carlos de Lima Tavares¹
(Universidade de Brasília)

Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa²
(Universidade Federal do Pará)

Recebido em: maio de 2022
Aceito em: março de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i1.38106

¹ Professor na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, instituição em que também cursa mestrado em Linguística. Coordenador da Rede Discurso e Gênero: violência e resistência, no âmbito da Associação de Estudos sobre Discurso e Sociedade (EDiSo). Membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/Ceam-UnB) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB-CNPq). Bolsista da CAPES. E-mail: rayltoncarlos@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora na Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) e no Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios e Identidades (PPGCITI) da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba. Líder do grupo Discurso e Relações de Poder (DIRE). E-mail: rsns@ufpa.br

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte dos resultados da pesquisa Os discursos subversivos na literatura amazônica: ideologias e relações de poder, cujo objetivo foi analisar as avaliações realizadas pela narradora personagem no conto Velas. Por quem? (MEDEIROS, 2009). Com base em Estudos Críticos do Discurso, focalizamos o discurso como modo de ser e de identificar. Metodologicamente, utilizamos a categoria avaliação para investigar significados identificacionais do texto, com auxílio do sistema de TRANSITIVIDADE da Linguística Sistêmico-Funcional. Os resultados apontam que as avaliações mais salientes são materializadas como declarações avaliativas, que valoram negativamente as atitudes/os, eventos e comportamentos (em volta) da personagem principal.

Palavras-chave: Identificação. Avaliação. Estudos Críticos do Discurso.

ABSTRACT

This paper presents an excerpt from the results of the research The subversive discourses in Amazonian literature: ideologies and power relations, whose objective was to analyze the evaluations made by the narrator character in the short story Velas. Por quem? (MEDEIROS, 2009). Based on Critical Discourse Studies, we focus on discourse as a way of being and identifying. Methodologically, we used the evaluation category to investigate identificational meanings of the text, with the aid of the TRANSITIVITY system of Systemic-Functional Linguistics. The results show that the most prominent evaluations are materialized as evaluative statements, which negatively evaluate the main character's (around) attitudes / events, behaviors.

Keywords: Identification. Evaluation. Critical Discourse Studies.

RESUMEN

Este artículo presenta una muestra de los resultados de la investigación Los discursos subversivos en la literatura amazónica: ideologías y relaciones de poder, cuyo objetivo fue analizar las valoraciones realizadas por la narradora-personaje del cuento Velas. Por quem? (MEDEIROS, 2009). Con base en los Estudios Críticos del Discurso, enfocamos el discurso como una manera de ser y de identificación. Como marco metodológico, utilizamos la categoría de la valoración para investigar los significados identificativos del texto, con la ayuda del sistema de "TRANSITIVIDAD" de la Lingüística Sistêmico-Funcional. Los resultados muestran que las valoraciones más sobresalientes se materializan como declaraciones evaluativas, que evalúan de manera negativa las actitudes, eventos y comportamientos (alrededor) del personaje protagonista.

Palabras clave: Identificación. Valoración. Estudios Críticos del Discurso.

INTRODUÇÃO

Neste manuscrito, apresentamos alguns resultados da pesquisa *Os discursos subversivos na literatura amazônica: ideologias e relações de poder*. Financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará, ela foi desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa *Relações de poder: discursos e práticas em torno das minorias* (PRO1811-2017). Nosso objetivo foi investigar, em textos literários produzidos na Amazônia brasileira, como questões relacionadas a desigualdades de gênero e classe se materializaram semioticamente em tais artefatos.

Aqui, focalizamos o texto *Velas. Por quem?*, da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros (2009). Alçado no gênero situado conto e narrado em primeira pessoa por uma narradora personagem, o texto versa sobre a história de uma menina que é obrigada a sair de sua casa e ir à cidade em busca de condições melhores de vida, reiterando a falta de assistência às comunidades tradicionais na

Amazônia e a estrutura de exploração na relação campo-cidade-migração. As comunidades do campo têm o acesso à educação e ao trabalho negado todos os dias, causando o êxodo de mulheres, homens, jovens e, principalmente, crianças e adolescentes (para uma discussão mais aprofundada, consultar TAVARES; SOUSA, 2018a).

Ao chegar na localidade onde seria acolhida, a personagem principal se depara com uma família composta por uma mulher, um homem, uma menina e um menino, as personagens secundárias mais relevantes da estória. A narrativa gira em torno das experiências vividas pela personagem principal no que diz respeito à obrigação de realizar serviços domésticos e, quando não os realiza corretamente, à punição com violência física, e a abusos sexuais. Por meio da construção semiótica, o texto mostra como se cruzam as avenidas identitárias de gênero, classe e raça (AKOTIRENE, 2018; CRENSHAW, 2002), em uma narrativa contextualmente situada na Amazônia.

Com base em estudos críticos do discurso, doravante ECD, interessa-nos saber como os eventos narrados são avaliados, como e quais valores acerca dos episódios experienciados pela personagem principal são inscritos nos textos. Queremos, então, responder às seguintes questões: (1) Como a narradora personagem avalia os acontecimentos que narra, isto é, como se identifica textualmente no que concerne a valores e apreciações? (2) Como a narradora personagem identifica a personagem principal?

Este texto está dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da abordagem relacional-dialética dos ECD. Em seguida, apresentamos os procedimentos e estratégias analíticos que utilizamos para alcançar os objetivos propostos. Na terceira seção, apresentamos a análise do *corpus*. Por fim, na última seção, discutimos os resultados.

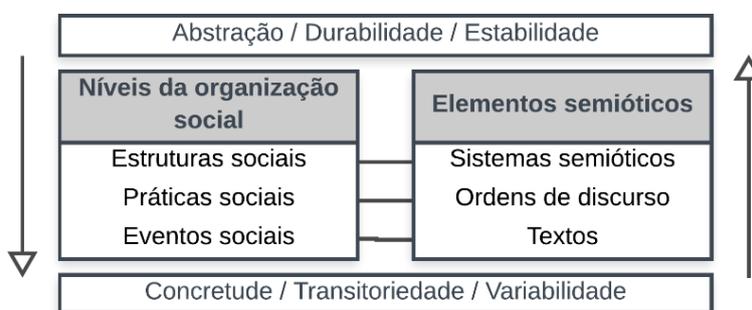
1. ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO: FERRAMENTA PARA A ANÁLISE DA SEMIOSE EM FUNCIONAMENTO NAS PRÁTICAS SOCIAIS

Em ECD de base relacional-dialética entendemos que a vida social é uma combinação frutífera entre *estruturas, práticas e eventos sociais* (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012). As estruturas sociais são entidades que fornecem potenciais para a ação e, ao mesmo tempo, restringem possibilidades agentivas, como classe, raça, gênero etc. Os eventos sociais, por sua vez, são a entidade social mais concreta e menos estável, são a realização do potencial abstrato em contato com a agência humana envolvida nas situações diárias. Contudo, a relação entre estruturas e eventos não é direta, são as práticas sociais o elemento mediador entre eles, organizando os níveis do potencial abstrato (estruturas) e da ação concreta (eventos) (RESENDE, 2017).

As práticas sociais são modos relativamente estáveis, localizadas espaço-temporalmente, em que as pessoas empregam recursos para agirem e interagirem socialmente (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Todas têm como constituintes *atividade material, atividade mental, relações* e um *elemento semiótico*. Embora sejam diferentes uns dos outros, os elementos das práticas estão interconectados dialeticamente, isto é, cada um internaliza traços dos outros, sem que um se reduza ao outro. O foco nas práticas sociais se dá justamente porque elas abarcam tanto a estrutura quanto a ação, estabelecendo uma relação transformacional entre elas.

Assim como a vida social é composta por estruturas, práticas e eventos, a semiose também possui três estratos de profundidade, a saber: *sistemas semióticos, ordens de discurso* e *textos*. Os sistemas semióticos definem um potencial do que é ou não possível de se codificar em textos. A língua, como um sistema semiótico, delimita o que podemos significar e como esses significados podem ser codificados gramaticalmente (HALLIDAY, 2014). Ainda que pressionadas/os pelas contingências desse sistema, nós sempre podemos usar seus recursos criativamente, de modo que todo texto é sempre inovador de sentidos (TAVARES; RESENDE, 2021). Pereira e Tavares (2020) ilustram a relação entre os estratos da vida social e os estratos da semiose da seguinte forma:

Figura 1 – Níveis de organização social e elementos semióticos correspondentes



Fonte: Pereira e Tavares (2020, p. 239)

As ordens de discurso são o elemento intermediário e regulador entre os sistemas semióticos e os textos, tendo em vista que estes não são apenas resultado daqueles. Segundo Fairclough, Jessop e Sayer (2010, p. 213), a ordem de discurso “constitui a estruturação social da variação semiótica”. Ordens de discurso são integradas por gêneros-suportes e discursos-estilos, que são as maneiras em que a semiose opera nas práticas sociais (RESENDE, 2017). Gêneros-suportes são maneiras e veículos de agir e interagir discursivamente, a semiose como parte da ação em eventos. Segundo Tavares e Resende (2021, p. 86), o motivo da existência epistemológica de gêneros-suportes se dá

em virtude de que, “de um lado, toda prática social requer elementos semióticos para sua realização, e de outro, os textos só são possíveis se alçarem gêneros e forem materializados em suportes (físicos ou digitais)”. Discursos-estilos são “maneiras de representar aspectos do mundo ancoradas em graus de vinculação identitária” (TAVARES; RESENDE, 2021, p. 87). Diferentes discursos-estilos podem ser concorrentes e objetos de disputa, “pois são articulados por pessoas que estão dispostas em diferentes campos da vida social, com diferentes crenças, valores, desejos e relações sociais”, diferentes concepções de realidade (PEREIRA; TAVARES, 2020, p. 240).

Por seu turno, textos são a parte e o resultado semióticos de eventos sociais. Eles têm efeitos causais a curto e longo prazo, podem tanto causar mudanças em nossas crenças, conhecimentos, valores etc., quanto mudanças no mundo material. Conquanto, esses efeitos não são mecânicos, não podemos afirmar que certas formas e sentidos de textos causem mecanicamente esse ou aquele efeito nas pessoas. Mas, apesar de não haver um padrão de regularidade, isso não significa que não existam efeitos causais (FAIRCLOUGH, 2003).

Internamente, os textos são vistos como unidades semânticas que desempenham funções em contextos (HALLIDAY, 2014). Baseado nessa concepção, Fairclough (2003) aponta a existência de três principais tipos de significados: acional, representacional e identificacional. Esses significados operam simultaneamente em todo texto, de modo que a separação entre eles decorre de estratégias didáticas e, muitas vezes, analíticas. Neste último caso, podemos usá-los como lentes pelas quais observamos o texto, dando atenção a certas características e não a outras, como é o caso de nosso trabalho, em que focalizamos o significado identificacional, mas sem deixar de dar atenção a características de outros significados que se mostrem relevantes.

No significado acional, o texto é visto como (inter)ação, como forma de troca interativa entre os participantes. No significado representacional, ele é visto como representação do mundo, formas de como a realidade é entendida e interpretada. Já no significado identificacional, o texto é visto como identificação tanto de quem o escreve/ fala quanto para quem ele se dirige. Cada um desses significados contribui de modo particular para os sentidos do texto, daí que, para seu escrutínio, empregamos procedimentos, estratégias e categorias de análise diferentes.

2. PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Nossa análise se iniciou por uma leitura atenta do texto, sem trazer um olhar específico para esse ou aquele significado, muito menos com a linguagem de descrição de qualquer categoria. Começamos assim porque compreendemos que é o próprio texto que demanda essa ou aquela categoria analítica, cada instância da semiose tece significados diferentemente, daí não ser possível

replicar “receitas metodológicas e analíticas”. Nas palavras de Vieira e Resende (2016, p. 115), “[a] escolha de que categorias utilizar para a análise de um texto não pode ser feita *a priori*. É sempre uma consequência do próprio texto e das questões/preocupações de pesquisa”.

Categorias analíticas são ferramentas que usamos para explorar como a semiose, instanciada em forma de texto, contribui para o problema social investigado, seja ajudando a mantê-lo ou resistir a ele. Elas servem para analisar as conexões entre as escolhas linguísticas, os significados do discurso e as questões problemáticas que se investigam na pesquisa. Por estarmos situados no campo dos estudos do discurso, que são interdisciplinares por natureza, a análise linguístico-discursiva que fazemos não tem um fim em si mesma. Sobre isso, Tavares e Sousa (2018b) dizem:

Nossos dados são de natureza linguística, e nossa unidade mínima de trabalho é o texto. Contudo, não é um exercício fechado em si mesmo, devemos interpretar como as escolhas linguísticas que compõem o texto podem estar ligadas a projetos em macronível (social), como essas escolhas podem influenciar pessoas e estruturas e, em última instância, porém não menos importante, devemos atentar-nos à parte crítica, isto é, maneiras de resolução do problema social investigado (TAVARES; SOUSA, 2018b, p. 183).

A categoria que se mostrou relevante foi a avaliação, pois serve para investigar as maneiras pelas quais autoras/es e falantes expressam seus valores textualmente. Como mostramos no quadro abaixo, as avaliações podem se materializar em textos como *declarações avaliativas*, *declarações com modalidades deônticas*, *avaliações afetivas* e *valores pressupostos* (FAIRCLOUGH, 2003).

Quadro 1 – Tipos de avaliação

Tipo de avaliação	Definição	Realização prototípica
Declarações avaliativas	Afirmações acerca daquilo que se deseja, do que se considera bom ou ruim	Processos relacionais atributivos, processos em que o elemento de valor está no verbo, advérbios e exclamações
Declarações com modalidades deônticas	Afirmações sobre a obrigatoriedade ou necessidade de algo	Construções com verbos e expressões modalizadores
Avaliações afetivas	Avaliações de caráter pessoal que expressam graus de sentimento e apreço	Processos mentais afetivos
Valores pressupostos	Avaliações que dependem da pressuposição de uma familiaridade com sistemas de valor implícitos compartilhados entre as pessoas	Sem marcação prototípica

Fonte: Elaboração própria com base em Fairclough (2003)

Ao construir avaliações nos textos, indicamos nossa relação com o mundo, com os eventos e as demais pessoas. Valores morais e éticos podem ser apresentados discursivamente a partir das escolhas lexicais que operamos na estrutura linguística. Se estilos são modos de manifestarmos tanto as identidades individuais quanto coletivas em textos, impregnando os modos de ser, estar/posicionar-se socialmente e se relacionar com os outros e o mundo (FAIRCLOUGH, 2003), as avaliações nos textos corroboram o lugar social em que nos encontramos quando nos manifestamos sobre algum problema de ordem social e onde localizamos o outro na estrutura social.

Para a análise fina dos constituintes, utilizamos o sistema de TRANSITIVIDADE, conforme desenvolvido em Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2014). O sistema de TRANSITIVIDADE é um aparato para a descrição da oração como forma de representação da experiência, composta por processos, participantes e circunstâncias. Processos se realizam por meio de grupos verbais, são entidades centrais e organizacionais das orações; participantes se realizam em grupos nominais e são entidades que agem nos/são afetadas pelos processos; as circunstâncias são realizadas por grupos adverbiais e preposicionais e indicam a causa, o modo, o tempo etc. em que o processo ocorre. Assim, analisamos cada constituinte da oração a partir de tais rótulos funcionais, isto é, com base nos papéis que desempenham nela.

Na próxima seção, apresentaremos as marcas linguísticas do significado identificacional, associado ao discurso-estilo que a narradora personagem internaliza. Notadamente, nos interessa saber (1) como a narradora personagem avalia os acontecimentos que narra, isto é, como se identifica textualmente no que concerne a valores e apreciações, e (2) como a narradora personagem identifica a personagem principal.

3. ANÁLISE DO *CORPUS*

O *corpus* apresenta declarações avaliativas, inscritas léxico-gramaticalmente por orações relacionais identificativas.³ Então, selecionamos 9 (nove) excertos analíticos que contêm declarações avaliativas. Nelas há regularidade do Valor, do Processo relacional identificativo e da posição sintática de ambos, assim: valor + processo relacional identificativo + característica.

O primeiro parágrafo do texto se inicia com a narração da chegada da personagem principal à cidade em que irá morar. Há uma descrição detalhada desse momento, indicando tanto o estado físico da personagem quanto o ambiente que a cerca, conforme o excerto (1):

³ Para Halliday (2014), processos relacionais são aqueles que estabelecem relação entre dois participantes, configurando uma oração relacional que representa identidades e características de seres. Esses processos podem ser de dois tipos, atributivos - atribuem a uma entidade características comuns aos membros dessa classe - e identificativos - uma entidade é usada para identificar outra.

(1)

Fatal ⁴	foi	teres chegado de manhãzinha, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava (p. 87)
Valor	Processo relacional	Característica

O excerto inicia-se com o valor *fatal*,⁵ seguido do processo relacional identificativo *foi*, que confere avaliação negativa à característica, composta pela locução verbal *teres chegado* + a circunstância de tempo expressa em *de manhãzinha*. Esse aspecto temporal é expandido na oração seguinte por meio da conjunção *quando*, que marca o evento no tempo.

No excerto a seguir, a narradora avalia negativamente uma ação/atitude da personagem principal, mostrando seu posicionamento no texto/na narrativa:

(2)

Fatal	foi	a má comparação que fizeste das velas de encardido colorido com o tecido que mal escondia teus pudores (p. 87)
Valor	Processo relacional	Característica

No excerto (2), tem-se um alto grau de comprometimento com o que se narra, a personagem narradora utiliza bastantes Epítetos⁶ para se posicionar no texto. Primeiro, há o valor *fatal*, seguido do processo relacional identificativo *foi*, que confere avaliação à característica *a má comparação que fizeste* [...] Sendo que o grupo nominal *má comparação* também materializa uma declaração avaliativa. Por fim, na oração material *o tecido que mal escondia teus pudores*, o elemento com juízo de valor é *mal escondia*, processo material com uso do advérbio, em que *o tecido* é o Ator e *teus pudores* é a Meta.

Em (3), também se verifica uma declaração avaliativa direcionada ao comportamento da personagem principal, desta vez, apontando para atitudes comportamentais ensejadas pela cognição:

⁴ Nesta seção, estão em negrito os elementos em análise.

⁵ Nesta seção, estão em itálico os itens que foram retirados do *corpus* e incluídos no corpo do texto.

⁶ Epítetos são modificadores do núcleo de um grupo nominal (HALLIDAY, 2014).

(3)

Fatal	foi	tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares (p. 87)
Valor	Processo relacional	Característica

O valor *fatal* + o processo relacional identificativo *foi* denotam uma avaliação negativa de *tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas*, em que há dois processos materiais transformativos de intensificação de modo e movimento, *tropeçares* e *seguires*, e duas circunstâncias, *aos solavancos* (de modo) e *pelas ruas* (de localização).

Ademais, o valor *fatal* também avalia negativamente o processo mental cognitivo *achando*, seguido da oração projetada *que eram de boas-vindas os olhares*. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 57), orações mentais constituídas por um processo mental cognitivo “trazem o que é pensado à consciência da pessoa”. O participante, nesse tipo de oração, é denominado de Experienciador, aquele que sente, percebe, deseja etc. No excerto (3), e em quase todas as orações mentais cognitivas, o Experienciador é a personagem principal.

O excerto seguinte difere dos anteriormente analisados quanto à posição sintática dos itens, pois ele se inicia com uma circunstância e não com um Valor. Contudo, no que tange à avaliação, essa se relaciona à atividade mental da personagem principal:

(4)

Ao pé do casarão mal iluminado	fatal	foi	pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos (p. 87)
Circunstância de localização	Valor	Processo relacional	Característica

No exemplo supracitado, tem-se a circunstância de localização, *Ao pé do casarão mal iluminado*, depois, o valor *fatal* que, seguido do processo relacional *foi*, avalia negativamente sua característica, codificada pelo processo mental cognitivo *pensares*, seguido da oração projetada *que ofereciam vida nova*. Noutros termos, a narradora aprecia negativamente o pensamento da personagem principal de que lá ela teria condições melhores de vida, ou, de que as pessoas estavam dispostas a lhe proporcionar uma vida melhor.

No excerto a seguir, a atitude da personagem principal é avaliada negativamente:

(5)

Fatal	foi	ignorares os deveres tantos que ressoavam nas campainhas	pelo casarão inteiro (p. 87)
Valor	Processo relacional	Característica	Circunstância

O exemplo começa com o Valor *fatal*, seguido do processo *foi*, que avalia negativamente sua característica, integrada pelo processo mental desiderativo *ignorares*, cujo fenômeno são *os deveres tantos*.

No próximo excerto há uma avaliação negativa com tom de crítica à sujeição da personagem:

(6)

Fatal	foi	também isso,	aprenderes rápido feito cachorro do sítio, e sair com o rabo entre as pernas repetindo “sim, senhora” (p. 88)
Valor	Processo relacional	Elemento textual	Característica

No excerto (6), a característica, formada pelo Processo mental cognitivo *aprenderes* + Advérbio *rápido*, é avaliada pelo Valor *fatal*. Além disso, há as metáforas *feito cachorro do sítio* e *sair com o rabo entre as pernas*.

O uso da metáfora *feito cachorro do sítio* para identificar a personagem principal levanta dois problemas: 1) representa como a voz narradora identifica a personagem e também se identifica, ao passo que usar uma metáfora ao invés de outra é identificar(-se) de uma forma e não de outra (FAIRCLOUGH, 2003); 2) representa como as outras personagens da estória entendiam a existência da personagem principal, ou seja, viam-na como um animal. Pensamos que uma hipótese pode excluir a outra, contudo, se acreditarmos em 1), podemos problematizar que, apesar da vontade de ser livre, isso não é suficiente para a emancipação, ponto que discutiremos pormenorizadamente na análise do excerto (8). Se preferirmos o 2), podemos pensar em como as desigualdades de gênero, classe e raça muitas vezes, plasmadas na representação em tela, acarretam violências múltiplas àquelas/àqueles que são rebaixadas/os nas múltiplas relações de poder.

Por fim, há o Processo verbal *repetindo*, cujo Dizente é a personagem principal, seguido da Citação “*sim, senhora!*”, sendo estes itens também inseridos na declaração avaliativa. O uso do relato

direto em “*sim, senhora!*” materializa o que Fairclough (2016, p. 119) denomina de intertextualidade, isto é, “a propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmentos de outros textos”. Desta feita, a inserção do relato direto, convocando a voz da personagem principal, serve para garantir fidelidade ao que está sendo narrado e, notadamente, ao que está sendo avaliado, a passividade da personagem frente aos/às seus/suas algozes.

No excerto abaixo, são as qualidades da personagem que são avaliadas negativamente:

(7)

Fatal	foi	tua ligeireza, o trabalho na roça, o leite de cabra que bebeste em tenra idade (p. 88)
Valor	Processo relacional	Característica

Conforme representado em (7), a narradora avalia negativamente *a ligeireza, o trabalho na roça, o leite de cabra que bebeste em tenra idade*, grupos que integram a característica do valor *fatal*. Esses traços positivos da personagem foram por ela vividos e desenvolvidos ainda na localidade em que morava, o lugar de onde aportou um dia. A declaração avaliativa é negativa porque essas qualidades faziam com que a personagem desempenhasse os serviços avidamente, transformando-a em uma excelente mão de obra para a execução dos trabalhos.

O excerto (8) também lexicaliza uma avaliação negativa do comportamento da personagem:

(8)

Pras histórias que me contas desses mil novecentos e poucos,	fatal	foi	tua mansidão de bicho: o búfalo, a corsa e o cão (p. 89)
Circunstância	Valor	Processo relacional	Característica

Em (8), tem-se uma circunstância que evidencia o tempo cronológico em que a história da personagem é narrada. Posteriormente, há o valor *fatal* + processo relacional identificativo *foi* +

característica *tua mansidão de bicho*. Além disso, tem-se os itens *búfalo*, *corsa* e *cão* que impessoalizam a personagem, isto é, ela é esvaziada de características humanas.⁷

Assim como em (6), o excerto supracitado também contém uma metáfora, aqui ela é pressuposta em *tua mansidão de bicho*, a frase no genitivo restringe o sentido, atribuindo uma característica animal à personagem. Apesar dessa avaliação materializar o discurso do protagonismo, não podemos ser ingênuas/os em pensar que a personagem teria toda liberdade para se emancipar dos sistemas de opressão que lhe afligem. Também não queremos perpetuar o discurso da imobilidade, reiterando o foco nas estruturas de dominação. Pelo contrário, voltemos ao pressuposto ontológico dos ECD, tomado do Realismo Crítico, que diz que agentes não são totalmente livres para agir devido aos constrangimentos das estruturas, mas que as estruturas são passíveis de mudança, pois elas mesmas nos fornecem os subsídios de ação e nos impõem os mecanismos de coerção. Assim, consideramos que representar a condição da personagem principal apenas como resultado de sua passividade é, no mínimo, reiterar o discurso de culpabilização da vítima.

Diferente dos excertos anteriores, em (9) é avaliada a atitude das demais personagens e, assim como (4) e (8), as posições sintáticas do valor, do processo relacional e da característica são diferentes dos demais exemplos:

(9)

fatal	foi	te roubarem a linha da vida (p. 89)
Valor	Processo relacional	Característica

Essa oração relacional (9) se inicia pelo valor *fatal* + o processo relacional identificativo *foi*, seguido da característica *te roubarem a linha da vida*. O pronome *te* relaciona-se à personagem principal que é afetada pelo Processo material *roubarem*. O Ator desse processo não está explícito no excerto, todavia, podemos obter, pelo que já foi narrado, a informação de que ele é composto pelas personagens secundárias que compunham a família a quem a personagem principal servia – o doutor, a branca senhora, o menino e a menina.

Thompson (2014) assevera que há uma particularidade na estrutura de Valor-Característica que a difere de outros tipos de construções - ela releva a que avaliações e valores o/a autor/a se vincula

⁷ Em Tavares e Sousa (2018a), por meio do inventário sociossemântico da representação de atores sociais, analisamos como a personagem principal é representada.

culturalmente. Na verdade, mais do que isso, ela pode apontar as estruturas ideológicas que subjazem o texto, pois, aparentes ou não, essas estruturas formam a base de significação dos textos.

Dessa forma, a narradora personagem se apresenta na narrativa como alguém que dialoga com a personagem principal, aquela quer esconder desta a fatalidade que foi terem lhe roubado a linha da vida. Noutros termos, ela avalia com pesar todas as violências que fizeram aquela pequena garota ter sua vida arrancada.

4. DISCUSSÃO

Verificamos a existência de declarações avaliativas por meio de orações relacionais identificativas, em que o valor é o item lexical *fatal*, cuja recorrência foi de 9 (nove) vezes no *corpus*, e a característica é constituída por processos materiais, processos mentais e grupos nominais. Quando a característica era composta por processos materiais, o ator era sempre a personagem principal, a todo momento suas atitudes foram avaliadas negativamente pela narradora, exceto no processo material *roubarem*, em que o ator eram os membros da família. Quando a característica era composta por processos mentais, a personagem principal era o experienciador, suas atividades cognitivas lexicalizadas em *achando* e *pensando*, por exemplo, foram alvo de declarações com juízo de valor negativo.

Por meio da análise léxico-gramatical e análise discursiva, vimos que as avaliações incidem, notadamente, sobre o corpo da personagem principal. Seu corpo é atravessado por estruturas de classe, raça/etnia, gênero e geração (idade). Isso nos põe, autor e autora, brancos, cisgêneros e de classe média, em uma posição de desconforto – se, por um lado, as análises discursivas demandam um olhar interseccional para esse corpo, por outro, nossa leitura é parcial, justamente por nosso lugar de fala (RIBEIRO, 2018), das experiências que a leitura social de nossos corpos nos confere.

Segundo Crenshaw (2002, p. 177), a *interseccionalidade* é uma forma de contribuição epistemológica que “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Seu foco está em como “o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”.

Diante dessa consciência, de que não há ponto zero de análise/leitura, pois cada um de nós experiencia classe, raça, gênero e idade de formas particulares a partir das múltiplas combinações entre elas, vemos a necessidade da sensibilidade analítica que nos proporciona a interseccionalidade. É perceptível, se tivermos tal sensibilidade, que cada etapa da narrativa em tela é mobilizada pela

intersecção entre os marcadores de classe, gênero e idade, fazendo com que a personagem principal vivencie experiências diferentes.

A saída da personagem de sua casa e localidade tem o fim de que ela obtenha condições melhores de vida, acentuando a condição de precarização que classes mais baixas da população são expostas diariamente. Nesse caso específico, a localidade desempenha papel fundamental. Como já discutimos em outro lugar (TAVARES; SOUSA, 2018a), populações tradicionais da Amazônia se sentem obrigadas a mudar de suas localidades a fim de obterem acesso à saúde, educação e trabalho. O deslocamento para centros urbanos é, na maioria das vezes, a única saída vislumbrada por essas pessoas, a possibilidade de ter uma vida vivível.

Outro ponto que merece atenção é que as avaliações também se dirigem ao desenvolvimento da personagem nos afazeres do dia a dia. São valorações em direção ao papel social a que mulheres são destinadas, como serviços domésticos, por exemplo. Uma crítica como essa desconsidera totalmente a opressão e negação ontológicas que mulheres sofrem só por serem mulheres. Desde seu nascimento, elas são afetadas por informações sobre como devem ser para os homens – tem de se vestir bem para chamar a atenção deles, tem de agir com delicadeza, tem de saber realizar serviços para agradá-los etc.

Nesse sentido, a narradora personagem identifica a personagem principal como culpada pelas situações de violência que esta sofre, seja quando a personagem principal ignora os serviços domésticos ou quando obedece às ordens das demais, por exemplo, comparando-a a animais por meio de metáforas. Isso causa uma grande divisão entre a maneira como a personagem narradora se identifica, uma pessoa ética e contra injustiças, e como ela identifica a personagem principal, alguém que é culpada por tais problemas. Esta última reitera o discurso de culpabilização da vítima, como se apenas a vontade da personagem principal fosse o suficiente para que ela se emancipasse das práticas opressoras a que estava submetida, não levando em consideração que as desigualdades de poder naquela relação implicavam em acesso desigual a mecanismos de libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tomamos como *corpus* o texto *Velas. Por quem?* (MEDEIROS, 2009), que tematiza a história de vida de uma menina que migra do interior para a cidade em busca de condições melhores de vida. Mas suas expectativas não são confirmadas, pelo contrário, ela se torna vítima de violência física na casa em que deveria ter uma vida nova. A análise se pautou na categoria *avaliação* para investigar o significado identificacional do discurso.

A análise sugere que a narradora personagem se identifica como alguém que se engaja no que narra e que se compadece dos acontecimentos vivenciados pela personagem principal. Ela assume um discurso-estilo revestido de ética e moralidade que desaprova as atitudes das personagens diante da personagem principal. Mas, ao mesmo tempo, culpabiliza a vítima por desempenhar os afazeres com presteza, como que em estado de docilidade. Essa interpretação não leva em consideração que o quadro potencial para a ação da personagem era limitado pelas pressões estruturais que ali dominavam.

Em que pese *Velas. Por quem?* (MEDEIROS, 2009) tematize problemas sociais contemporâneos, como desigualdade de gênero e de classe, seus efeitos causais potenciais em práticas situadas podem ser problemáticos, uma vez que seus sentidos podem ter efeitos ideológicos nas/das práticas sociais ao reiterar o discurso de culpabilização da vítima e este pode ajudar a cristalizar e perpetuar estruturas de dominação (THOMPSON, 2011).

Por fim, cabe um comentário sobre o caráter naturalizador da violência a partir da escolha lexical do termo fatal para avaliar os eventos, ações e cognição em torno da personagem central da narrativa. Esse item lexical, em perspectiva dicionarística, impinge aspecto de inevitabilidade aos eventos a que se aplica, colocando o rótulo de imutabilidade sobre a condição de violência a que a personagem central foi submetida, naturalizando, portanto, a condição de exploração na relação campo-cidade-migração em sua interseccionalidade com gênero, classe e raça. Assim, uma crítica direcionada à personagem principal que não leve em consideração os eixos identitários que incidem sobre seu corpo é rasa e não contribui para a discussão. Estudiosas de discurso têm chamado a atenção para que, ao analisarmos textos, devemos não só atentar para a semiose em funcionamento, mas também para os demais momentos das práticas sociais, em especial para o corpo e as intersecções que o atingem (CARVALHO; COSTA, 2020; GOMES, 2020). Tomar o corpo como objeto em estudos do discurso significa se perguntar, dentre outras coisas, como esse corpo interseccionado está (re)produzindo práticas sociodiscursivas? Como essas intersecções estão tomando forma em textos? Os textos estão evidenciando tais intersecções que já existem ou as estão apagando? Entendemos que essas são questões mobilizadoras importantes para pensar a relação discurso-corpo-resistência.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** (Coleção Feminismos Plurais) Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018

CARVALHO, Alexandra Bittencourt; COSTA, Juliana Cristina. Interseccionalizando a análise de discurso crítica: a encruzilhada nos estudos discursivos e de gênero social. In: GOMES, Maria Carmen Aires; VIEIRA, Viviane Cristina; CARVALHO, Alexandra Bittencourt (org.). **Práticas**

sociais, discurso, gênero social: explicações críticas sobre a vida social. Curitiba: Appris, 2020, p. 55-76.

CHOULIARAKI, Lile; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity:** rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. **Political discourse analysis:** a method for advanced students. London: New York: Routledge, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse:** textual analysis for social research. New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2. ed. Trad. Coord. I. Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman; JESSOP, Bob; SAYER, Andrew. Critical realism and semiosis. In: FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis:** critical study of language. 2. ed. London: New York: Routledge, 2010. p. 202–222.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GOMES, Maria Carmen Aires. Propondo uma abordagem de discurso crítica generificada. In: GOMES, Maria Carmen Aires; VIEIRA, Viviane Cristina; CARVALHO, Alexandra Bittencourt (org.). **Práticas sociais, discurso, gênero social:** explicações críticas sobre a vida social. Curitiba: Appris, 2020. p. 77-100.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday's introduction to functional grammar.** 4. ed. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. London: Routledge, 2014.

MEDEIROS, Maria Lúcia. Velas. Por quem? In: MEDEIROS, Maria Lúcia. **Antologia de contos.** 2. ed. Belém: Amazônia, 2009. p. 87-89.

PEREIRA, Jussivania C. V. B.; TAVARES, Raylton Carlos de Lima. Pressupostos teóricos da análise de discurso crítica. In: LIMA, A. H. V.; PITA, J. R.; SOARES, M. E. (org.). **Linguística aplicada:** os conceitos que todos precisam conhecer. v. 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 225-255. DOI: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.307.225-255>

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva. (org.). **Outras perspectivas em análise de discurso crítica.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 11-51.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** (Coleção Feminismos Plurais) Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

TAVARES, Raylton Carlos de Lima; RESENDE, Viviane de Melo. Da necessária coerência entre ontologia, epistemologia e metodologia: contribuição em estudos críticos do discurso. **Revista**

Discurso, Sociedade e Linguagem – DisSoL, n. 13, p. 82-95, jan./jul, 2021. DOI:
<https://doi.org/10.35501/dissol.vi13.911>

TAVARES, Raylton Carlos de Lima; SOUSA, Rosângela do Socorro Nogueira de. A representação da mulher em Chuvas e trovoadas, de Maria Lúcia Medeiros. **Revista A Palavrada**, n. 13, v. 02, p. 176-190, 2018b.

TAVARES, Raylton Carlos de Lima; SOUSA, Rosângela do Socorro Nogueira de. Representações de desigualdade social e de abusos de poder na região amazônica. In: VII Colóquio e II Instituto da ALED-Brasil - Anais Eletrônicos. **Anais...** Brasília, DF, UnB, 2018a, p. 1-22. DOI:
<http://dx.doi.org/10.29327/122633.7-1>

THOMPSON, Geoff. **Introducing functional grammar**. 3. ed. London: New York: Routledge, 2014.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. 2. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2016.